

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT19.041](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT19.041)

## PERCURSOS E PERCALÇOS FORMATIVOS: A MONITORIA ACADÊMICA EM TEMPOS DE CRISE PANDÊMICA

**Francisco Mário Carneiro da Silva**

Professor-pesquisador formado na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrando em Linguística na Universidade Federal de Pernambuco – [mario.carneiro@ufpe.br](mailto:mario.carneiro@ufpe.br);

**Tânia Serra Azul Machado Bezerra**

Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará – [tania.azul@uece.br](mailto:tania.azul@uece.br).

### RESUMO

A presente produção apresenta um relato de experiência sobre as vivências de um aluno no exercício da monitoria acadêmica durante a crise sanitária do coronavírus. Partindo do pressuposto que a crise pandêmica foi mais intensa para determinados grupos sociais, este trabalho se justifica pela necessidade de refletir sobre os processos de formação educacionais em tempos de pandemia. Assim, objetivamos refletir sobre os percursos e percalços na formação acadêmica de um graduando em pedagogia, com ênfase nas atividades desenvolvidas em exercício da monitoria acadêmica em tempos pandêmicos. Metodologicamente, este trabalho se qualifica como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza exploratória, tendo como método primordial o Estudo de Caso (GIL, 2002; 2008; FARIAS; LIMA, 2009). Os pressupostos teóricos desta pesquisa se fundamentam nas repercussões e representações dos impactos do novo coronavírus na educação (OLIVEIRA; GOMES; BARCELOS, 2020; DIAS; PINTO, 2020; GARCIA, 2020), com enfoque nas questões sociais (SANTOS, 2020) e na atuação de monitores acadêmicos no que tange seu processo formativo (MEDEIROS et al, 2020; OLIVEIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2020). Após a reflexão proposta, a argumentação evidencia que, apesar dos

percalços, foi possível consolidar um percurso formativo de qualidade, com um processo de construção de conhecimentos significativos e partilhas de múltiplos saberes.

**Palavras-chave:** Formação acadêmica, crise pandêmica, monitoria acadêmica.

## INTRODUÇÃO

Foi em Wuhan, metrópole chinesa, no dia 31 de dezembro de 2019, que o primeiro caso da pandemia pelo novo coronavírus, conhecido por Sars-coV2, foi identificado. Deste dia em diante os casos começaram a se espalhar rapidamente pelo globo, inicialmente no continente asiático e, posteriormente, em outros países. Estamos falando de um vírus que despertou uma crise sanitária que assolou o mundo.

A crise em questão alterou o estado de coisas. As aulas foram abruptamente interrompidas, as relações de trabalho foram repensadas e algumas medidas foram tomadas em prol da interrupção da disseminação do vírus. As aulas, da Educação Básica ao Ensino Superior, que antes aconteciam de modo presencial, passaram a acontecer de modo remoto. Em meio a um estado de contingência, arranjos foram criados para atender as necessidades educacionais no Brasil, de modo que a modalidade do ensino remoto se consagrou como o “novo normal” (OLIVEIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2020).

A abrupta mudança na organização social acarretou o desemprego de muitos trabalhadores, e, por consequência, trouxe preocupação para algumas famílias em decorrência da instabilidade financeira. Além disso, aos estudantes, o acesso à aula passou a ser por meio de plataformas virtuais – restrito àqueles que desfrutavam de acesso à internet e possuem equipamento necessário.

Foi Santos (2020), em ensaio publicado na série *Pandemia Capital*, lançado no Brasil pela editora Boitempo, quem fez uma análise de grupos para o qual a quarentena é particularmente difícil. O autor destaca que esses grupos “[...] têm em comum alguma vulnerabilidade especial que precede a quarentena e se agrava com ela” (p.15).

No referido ensaio, o autor nos instiga a perceber que os grupos que estão à margem da sociedade, a saber: mulheres, negros, trabalhadores informais, moradores de rua etc., foram ainda mais afetados pela crise pandêmica.

Nesse sentido, o ponto de partida deste relato está fincado no que nos diz Santos (2020: 15), a saber, que “qualquer quarentena é sempre discriminatória, mais difícil para uns grupos sociais que para outros”. Nesta perspectiva, este relato de experiência tem por

objetivo refletir sobre a experiência de formação de um estudante de Pedagogia, enquanto monitor acadêmico, com enfoque nas atividades desenvolvidas no período de aulas remotas.

## **METODOLOGIA**

Pensando que a pesquisa científica é, em sua essência, múltipla e permanentemente nos desafia a olhar para a realidade de modo criativo e diverso, leitura esta que envolve uma interação dialógica entre contexto de pesquisa e pesquisadores, que não é neutra, mas diretamente influenciada por uma ideologia definida (DALTRO; FARIA, 2019), apresentamos o relato de uma experiência vivida em tempos de pandemia.

Daltro e Faria (2019) advogam que o Relato de Experiência é um processo resultante de um entrecruzamento de processos singulares e/ou coletivos. Além disso, é um trabalho de concatenação e memória narrativa de um acontecimento, através das competências reflexivas e associativas de um dado relator, que leva em consideração as crenças e posições do mesmo (DALTRO; FARIA, 2019).

Esta é uma pesquisa de cunho exploratório, pois objetiva proporcionar maior familiaridade a dado problema, a saber, o processo formativo de estudantes de graduação em tempos de pandemia, a fim de torná-lo mais explícito (GIL, 2002). Gil (2008) salienta que este tipo de pesquisa é desenvolvido a fim de proporcionar uma visão geral, embora aproximativa, de um determinado fato. Além disso, discorre que a Pesquisa Exploratória normalmente envolve levantamento bibliográfico e Estudos de caso.

É neste sentido que, no que tange ao seu enquadramento, esta pesquisa se constitui enquanto um Estudo de Caso. Farias e Silva (2009) destacam que o Estudo de Caso consiste em descrever, o mais detalhado possível, um contexto específico, quer seja de uma pessoa ou de um grupo.

Em se tratando de um Relato de experiência, esta produção teve como instrumento de coleta de dados, a observação. Esta é uma técnica de pesquisa que não se restringe a uma contemplação passiva da realidade, como concebe o senso comum. É, na verdade, um olhar essencialmente ativo, sustentado por inquietações

e preocupações problemáticas bastante definidas (FARIAS; SILVA, 2009).

Diante do exposto, este trabalho é fruto da reflexão acerca das variáveis de uma distopia real, dos percalços de uma formação que foi atropelada por situações adversas. Apresentamos problemas que estavam presentes antes da pandemia, mas que foram gradativamente potencializados. Problemas de infraestrutura, falta de conexão à internet (com qualidade), ausência de instrumentos ou materiais de acesso (computadores, telefones celulares ou tablet) escasso ou sucateado. Estas são algumas das muitas questões diante desta grande peripécia.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Durante a pandemia atual, alguns estudos e reflexões foram realizadas. Um de cunho social (SANTOS, 2020; DAVIS; KLEIN, 2020), outras de cunho filosófico (DAVIS et al, 2020; ZIZEK, 2020; AGAMBEN, 2020) e ainda outras em que o enfoque era analisar os impactos educacionais da crise pandêmica (OLIVEIRA; GOMES; BARCELOS, 2020; DIAS; PINTO, 2020; GARCIA, 2020; COSTA; SILVA, 2021).

Embora as repercussões da crise do novo coronavírus tenham afetado todas as áreas da sociedade, umas pessoas são mais afetadas que outras, tendo em vista que algumas vulnerabilidades sociais pré-existentes foram potencializadas com a crise em questão (SANTOS, 2020).

Algumas pessoas estão no centro da crise, e, sendo assim, são afetadas em vários aspectos. O “fique em casa” se popularizou como uma expressão de cuidado, sinônimo de segurança. Entretanto, ainda tantas pessoas, mulheres e crianças principalmente, não desfrutavam desse cuidado e segurança em seus lares – antes, conviviam com seus agressores (DAVIS; KLEIN, 2020).

A preocupação que esse “estado de exceção” se tornasse, no final da crise pandêmica, um estado perene, incomodou e incomoda muitos de nós. A preocupação, com razão, surgiu do fato constatado que “[...] uma guerra com um inimigo invisível que pode aninhar-se em qualquer outro homem é a mais absurda das guerras” (AGAMBEN, 2020: 16).

Além de nos preocuparmos com o presente, muito nos inquieta o porvir. As relações sociais, o trabalho, as amizades e afetos que eram desenvolvidos nas escolas, nas instituições religiosas, nas universidades etc., foram afetadas e ainda não sabemos como acontecerão no pós-crise (AGAMBEN, 2020). Diante dessa situação caótica na qual estamos inseridos, vale questionar como ficam a educação de crianças, jovens e adultos durante e após a crise (COSTA; SILVA, 2021).

No início de maio de 2020, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), cerca de 186 países ou regiões fecharam suas escolas e universidades, de modo que 90% dos estudantes do mundo inteiro foram afetados (DIAS; PINTO, 2020). O fechamento dessas instituições de ensino, impactou de modo significativo na vida dos estudantes de todo o mundo. Os meses em casa geram desaceleração ou perda de aprendizagem, além de ser ainda mais nocivo, neste sentido, para públicos socioeconomicamente desfavorecidos (OLIVEIRA; GOMES; BARCELLOS, 2020).

É diante da incerteza da volta presencial das aulas, que as instituições de ensino, públicas e privadas, tanto da Educação Básica quanto do Ensino Superior, optam pelo ensino remoto. Nesta modalidade, os professores não só precisam apresentar desenvoltura na explicação do assunto da aula, como precisam dominar as tecnologias e técnicas eficazes do ensino remoto (OLIVEIRA; GOMES; BARCELLOS, 2020).

Além disso, tantas questões permeiam a realidade particular da variedade de pessoas afetadas por essa crise. Alguns alunos, quer da Educação Básica ou do Ensino Superior, não desfrutam de acesso à internet ou de aparelhos eletrônicos – como computador, celular ou tablet – para acompanhar às aulas remotas. Quando muito, possuem o aparelho, mas não têm acesso à internet (de qualidade) ou espaço para ter aula sem interrupções (DIAS; PINTO, 2020; COSTA; SILVA, 2021). Para tanto, podemos refletir sobre como há uma discrepância entre o discurso e a prática desejada em se tratando da educação on-line, mesmo sendo uma modalidade de ensino importante, deve-se levar em consideração as múltiplas realidades sociais (OLIVEIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2020).

A monitoria acadêmica, como serviço de apoio pedagógico oferecido ao professor-tutor e processo formativo do aluno-monitor, surge como uma atividade acadêmica essencial em tempos de pandemia, visto que oportuniza o desenvolvimento de habilidades e competências de organização, síntese e reflexão acerca dos conhecimentos teóricos e práticos, ou seja, enriquece a formação acadêmica dos envolvidos – quer alunos, quer professores (GONÇALVES et al, 2021; FERNANDES et al, 2012; NUNES, 2007; CARVALHO, 2012).

Como exposto, diante dos problemas de infraestrutura e falta de acesso à internet (com qualidade) da maioria dos estudantes brasileiros, objetivamos refletir sobre a realidade de um estudante universitário que desempenha a função de monitor acadêmico em uma universidade pública. As questões que perpassam sua realidade falam a respeito de problemas socioeconômicos relevantes para esta análise, de modo que podemos considerar, diante de todas as variáveis, quais foram os percursos e percalços formativos do mesmo em tempos de crise (MEDEIROS et al, 2020).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dentre as aprendizagens que os tempos atuais nos oportunizaram, ficou evidente que somos eternos aprendizes. Foi Paulo Freire quem disse que na aprendizagem crítica e reflexiva o discente toma como pressuposto que o docente “[...] já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles ser simplesmente transferidos” (2005: 26).

Em tempos pandêmicos, os monitores acadêmicos, que são aprendizes de um ofício, são educandos, mas também educadores, viveram o que Freire chama de “condições de verdadeira aprendizagem”, onde se tornaram “[...] reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (2005: 26). Essa vivência reflete bem o que vamos narrar acerca dos percursos formativos de um monitor acadêmico em tempos de pandemia do coronavírus.

## MONITORIA ACADÊMICA

O Artigo 84 da Lei nº 9.394/96, conhecida por Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelece que “os discentes da educação superior poderão ser aproveitados em tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos” (BRASIL, 1996).

Outra lei importante que faz menção à atividade de monitoria acadêmica nas Instituições de Ensino Superior (IES) é a Lei nº 5.540/68, conhecida por Lei da Reforma Universitária, que fixa normas de organização e funcionamento da educação em ensino superior (DIAS, 2017). O Artigo 41 da referida lei estabelece que “as universidades deverão criar as funções de monitor para alunos do curso de graduação que se submeterem a provas específicas, nas quais demonstrem capacidade de desempenho em atividades técnico-didáticas de determinada disciplina” (BRASIL, 1968).

Pereira (2007) destaca que, uma vez fixada a Reforma Universitária, a monitoria acadêmica passa a incorporar o objetivo de preparar o futuro docente, visto que esta atividade é um processo de aprofundamento de conhecimentos e melhoria na qualidade do ensino. Dias (2007; 2017) e Carvalho (2012), igualmente, advogam sobre a relevância da lei em questão.

Vale destacar que a pertinência dos programas de monitoria acadêmica está expressa no seu objetivo primário, isto é, “[...] estimular no aluno o interesse pela docência, oferecendo-lhe oportunidade para aprofundar conhecimento e estreitar relações entre os segmentos docente e discente nas atividades de ensino/aprendizagem” (GONÇALVES et al., 2021: 3).

Assim sendo, a monitoria acadêmica deve ser considerada como uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizado tanto de docentes, quanto de discentes no que tange seu crescimento profissional, acadêmico e pessoal, que se estabelece através de um espaço de trocas e experiências (CARVALHO et al., 2012; GONÇALVES et al., 2021: 8).

A monitoria acadêmica é um serviço de apoio pedagógico que visa oportunizar o desenvolvimento de habilidades técnicas e aprofundamento teórico,



proporcionando o aperfeiçoamento acadêmico. Essa proposta no ensino superior auxilia o professor em suas atividades de ensino aprendizagem de forma expressiva e em todas as etapas do processo pedagógico, ao tempo que proporciona ao aluno a possibilidade de ampliar o conhecimento em uma determinada disciplina, despertar o interesse para a docência e desenvolver aptidões e habilidades no campo do ensino.

Além de enriquecer o repertório teórico do estudante de graduação, a monitoria acadêmica contribui na formulação de saberes teórico-práticos incorporados em habilidades e competências, que favorecem o aperfeiçoamento acadêmico do estudante. Essas habilidades e competências são percebidos quando o monitor participa ativamente das atividades de planejamento, execução e avaliação da disciplina junto do professor-orientador (MEDEIROS et al., 2020).

Ademais, é de suma importância que o monitor se comprometa com a resolução de dúvidas e/ou conflitos junto com os demais estudantes matriculados na disciplina (CARVALHO et al., 2012), pois entendemos que “muitas vezes os próprios alunos se sentem mais a vontade de consultar seus companheiros para tirar dúvidas” (NUNES, 2007: 53). Através desta escuta ativa, o monitor percebe o andamento da disciplina, a motivação dos estudantes, o nível de abstração e apreensão dos conteúdos discutidos nas aulas. Essa dinâmica é possível, pois “o monitor é um aluno, participa da cultura própria dos alunos, que tem diferenças com a dos professores. A interação daquele com a formação dos alunos da disciplina tende a favorecer a aprendizagem cooperativa, contribuindo com a formação dos alunos e do próprio monitor” (NUNES, 2007: 53).

De modo geral, no que tange a formação acadêmica, as atividades devem abarcar todas as etapas do ensino, a saber: planejamento, execução, avaliação e replanejamento. Assim sendo, o monitor deve se fazer presente, de modo que o professor-orientador seja por ele auxiliado em todo o processo de ensino de uma disciplina (NUNES, 2007).

Medeiros et al. (2020: 125) salientam que a monitoria torna os alunos “[...] participantes e responsáveis pelo conhecimento na medida em que estimulam o pensamento crítico e reflexivo sobre os conteúdos”. Diante do que fora comentado, salientamos que

a monitoria acadêmica é de suma importância para o desenvolvimento teórico-prático, nas dimensões profissional, acadêmica e pessoal dos estudantes universitários.

## FORMAÇÃO EM TEMPOS DE CRISE

Como mencionado, diante da crise pandêmica, foram criadas algumas medidas de distanciamento social, na perspectiva de conter o número de contaminações do novo coronavírus. Essas medidas ocasionaram o fechamento de várias instituições de ensino no Brasil e no mundo. Inicialmente, não se sabia o que fazer no que diz respeito às aulas, pensou-se em dar férias coletivas, enquanto se tomavam decisões referente a este novo momento que vivíamos (OLIVEIRA; GOMES; BARCELLOS, 2020). Após alguns meses de reflexão, determinadas medidas foram tomadas. Segundo as decisões governamentais, as aulas deveriam acontecer de forma remota. Tanto instituições da Educação Básica, quanto universidades, optaram por essa modalidade de ensino como alternativa oportuna para o presente momento (OLIVEIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2020).

Não durou muito para que percebêssemos dificuldades no processo. Por motivos básicos, como falta de acesso à internet, falta de materiais específicos ou, o que mais ocorria, escassez de ferramentas para acompanhar as atividades remotas – muitas famílias brasileiras são de classe média-baixa ou baixa, de modo que um celular é compartilhado por várias pessoas em uma mesma família (DIAS; PINTO, 2020).

Além disso, dois pontos sobre o espaço-tempo próprio para o desenvolvimento das atividades escolares/acadêmicas precisam ser mencionados, uma vez que essas são questões que dificultaram ainda mais a situação: (1) a aula remota possui um caráter invasivo, pois, através de uma chamada via *Google meet*, em que a câmera dá acesso à nossa intimidade familiar, acabamos expondo nossa realidade doméstica. Aqueles que não desfrutam de espaço próprio para a realização das atividades, sabem o que é ter parte de sua vida pessoal compartilhada em uma aula on-line; (2) professores e monitores, responsáveis pelo acompanhamento das atividades pedagógicas, estavam atarefados por vários motivos. Em tempos

não pandêmicos, no plano ideal, as atividades profissionais se distanciavam das domésticas por turnos de descanso. Inseridos nessa realidade distópica, os limites parecem inexistentes (OLIVEIRA; GOMES; BARCELLOS, 2020).

Essa é uma realidade compartilhada tanto por estudantes da Educação Básica, quanto do Ensino Superior. Nossa fala é a mesma de muitos colegas universitários, alunos e professores, que se queixam de não desfrutar de espaço adequado para realizar as atividades acadêmicas. Erámos, em muitas ocasiões, interrompidos por demandas familiares, de modo que as aulas precisavam de uma carga horária flexível, para que alunos e professores cumprissem não só com suas atividades acadêmicas, como também com suas atividades domésticas – principalmente as mulheres, já que, em se tratando de atividades domésticas e/ou criação dos filhos, elas são as principais responsáveis (GARCIA, 2020; COSTA; SILVA, 2021).

Além do mais, carentes de uma internet potente ou um pacote de dados acessível e bom, ficamos à mercê de uma internet instável que compromete o desenvolvimento das atividades de forma satisfatória. Professores e alunos tiveram contratempos com relação a esta problemática, acarretando inclusive no cancelamento ou adiamento de aulas. “Vocês ainda estão aí?” servia como código para “minha internet ainda não caiu?”, do mesmo modo que “tá cortando muito, não conseguimos entender” era um código para “vamos adiar a aula, pois minha internet não coopera”. Foram muitos os alunos que não conseguiram apresentar seminários e/ou fazer exposições, pois não desfrutavam de uma internet de qualidade.

Um outro fator importante é que, em decorrência de termos sido pegos de surpresa, não desfrutávamos de formação robusta sobre tecnologias digitais e/ou como desenvolver atividades educacionais de modo remoto. Muitas pessoas tiveram que aprender a criar eventos no *Google Agenda*, marcar reuniões através do *Google Meet*, dominar o *Google Docs*, *Drive* ou *Google Formulários*. Em outras palavras, além das dificuldades relacionadas a conexão à internet, vivenciamos a problemática da manipulação de recursos tecnológicos e digitais (OLIVEIRA; GOMES; BARCELLOS, 2020).

Para Gonçalves (2021), a comunidade acadêmica acredita na monitoria como uma atividade que possibilita aos alunos conhecer

o que não conheciam e dominar o que não dominavam, com auxílio do professor-orientador que o envolve e incita o aprendizado múltiplo e significativo. Nos parece que há, em tempos como estes, uma inversão nessa dinâmica, pois os alunos universitários, filhos de seu próprio tempo, possuem maior domínio das ferramentas digitais de informação e comunicação – assim como uma predisposição maior para aprender a manusear algumas dessas ferramentas (GONÇALVES et al., 2021) Isso se dá pelo fato de que “[...] o monitor também constrói, em diferentes situações de aprendizagem, na universidade ou fora dela, conhecimentos e experiências que permitem colaborar com o trabalho docente” (GONÇALVES et al., 2021: 7).

Vários professores tiveram que desenvolver estratégias para que os alunos participassem das aulas de forma efetiva e plena. Alguns professores, inclusive, tiveram que aprender a conviver com a solidão das “fotos inertes”, porque os alunos permaneciam com câmeras e microfones desligados. Sobre isso, vale a ressalva que, enquanto educadores, valorizamos o elo humano, o relacionamento e a intimidade em sala de aula. Valorizamos as descontrações, as conversas pessoais, mesmo em ambiente formal, o carinho expresso no abraço, na troca de afetos, no sentir, através do riso, da lágrima. Em tempos pandêmicos, sentimos falta do contato humano.

Embora possamos considerar que “[...] a educação online possui especificidades que trazem ao processo educacional a possibilidade de interação e convivência mais promissora” (OLIVEIRA; ABREU; OLIVEIRA, 2020: 437), ainda assim desejamos a dinâmica das aulas presenciais, vez que “[...] a sociabilidade e a afetividade que nos permitem sentir mais próximos do que distantes” (2020: 437).

Contudo, o processo de ensino-aprendizado, mesmo em tempos de aula remota, acontece “[...] por meio de trocas simultâneas de conhecimentos plurais” (PESSÔA, 2007: 9). Estas trocas são possíveis quando se ultrapassa a barreira do individualismo que predomina nas universidades (NUNES, 2007). Destacamos que, devido a importante participação dos estudantes que dominam ferramentas digitais e tecnológicas, foi possível trocas de conhecimento significativas entre discentes e docentes.

Nunes (2007) destacou a importância do monitor com relação às atividades desenvolvidas em ambientes virtuais, como se

pudesse prever que em meio a uma das maiores crises sanitárias essa fosse nossa única saída. O autor destaca que

O trabalho do monitor não precisa ocorrer apenas na forma presencial. Se o professor usa, por exemplo, um ambiente virtual de aprendizagem ou recursos da internet, como e-mail, chat ou fórum, as atividades de apoio à aprendizagem dos alunos poderiam acontecer a distância. Por exemplo, o professor pode criar fóruns de discussão de temáticas abordadas em sala, deixando o monitor como moderador e mediador do fórum (Nunes, 2007: 54).

Essa é a nossa realidade atual, vez que, além das aulas síncronas, que ocorriam via plataformas digitais, tais como o *Google Meet*; realizávamos as discussões em fórum digital, em plataformas como o *Google Classroom*, para o cumprimento de atividades assíncronas. Medeiros et al. (2020) concorda que a monitoria virtual é um meio de apresentar resultados positivos diante do momento que estamos vivendo, ainda mais pensando que esta é uma boa estratégia que possibilita “[...] ao discente monitor alargar sua forma de aprender e buscar o conhecimento de forma ativa, interagindo com os professores e alunos” (MEDEIROS et al., 2020: 127).

Gonçalves et al. (2021) apontam que é notória, no âmbito universitário, a presença de estudantes que não conseguem desenvolver habilidades e competências que, cada vez mais, o mundo globalizado demanda dos estudantes universitários. Destacamos que a proposta da educação em Ensino Superior visa proporcionar vários momentos formativos de construção e significação de saberes múltiplos, prévios e novos, de modo que o estudante se desenvolva pessoal, acadêmica e profissionalmente (GONÇALVES et al., 2021).

Como já mencionado, a monitoria acadêmica é peça fundamental para o pleno desenvolvimento dos estudantes universitários. Através das muitas vivências, incorporadas em oportunidades de estudo de aprofundamento, planejamento, execução e avaliação da disciplina, assim como oportunidades de pesquisa e produção científica, o estudante enriquece seu arcabouço teórico e produz novos saberes (NUNES, 2007).

Ademais, a monitoria é um espaço formativo também para o professor-orientador, tendo em vista as oportunidades em revisitar certos autores e teorias por meio dos estudos guiados, assim como, diante do que expomos, conhecer e aprender manusear variadas ferramentas digitais de comunicação e informação. Neste sentido, salienta Nunes (2007: 51), as atividades de monitoria acadêmica significam “[...] uma ação que visa contribuir com a melhoria da qualidade do ensino de graduação”.

Concordamos com Fernandes (2012: 170) quando diz que “algumas das maiores virtudes e expressões do compromisso social da universidade são identificadas por meio de suas ações de pesquisa, ensino e extensão, consideradas atividades básicas do ensino superior”. De fato, a universidade pública, gratuita e de qualidade tem contribuído de forma significativa nesses dias tenebrosos que vivemos. A monitoria acadêmica, como relatado, tem se mostrado um espaço de construção de saberes plurais e diversificados, tanto para os alunos das várias disciplinas, quanto para alunos-monitores e professores-orientadores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o objetivo de refletir sobre os percursos e percalços formativos em tempos de pandemia, com ênfase na experiência de um aluno-monitor, tecemos uma reflexão teórica a partir de considerações acerca do ensino remoto e da atividade de monitoria acadêmica.

Compreendendo a “cruel pedagogia do vírus”, apontamos que além das questões estruturais e socioeconômicas, as carências formativas acentuaram as desigualdades socioeducacionais. A título de exemplo, destacamos que a falta de aparelhos tecnológicos (celular, computador, notebook ou tablet), assim como problemas (e/ou falta) de conexão à internet se configuram como alguns desses problemas estruturais – que, dado o contexto de pobreza no Brasil, sobretudo com a política de morte e escassez que se instaurou nos últimos anos (2018-2022), foram reforçadas por questões de ordem socioeconômica. Por outro lado, indicamos que com relação aos problemas de formação, era nítido o despreparo dos professores e alunos, principalmente pela falta de formação para

manuseio e bom desempenho no uso de ferramentas digitais de informação e comunicação.

Aliás, no que diz respeito a isso, pudemos perceber uma nova dinâmica, como que uma “mudança nos papéis”, uma vez que os alunos, por lidarem mais frequentemente com as ferramentas digitais, sabiam, diga-se de passagem, manuseá-las. Assim, em várias ocasiões, os alunos diziam o que e como os professores poderiam fazer determinadas atividades. O próprio aluno-monitor, por sua vez, auxiliou, em ocasiões distintas, a professora-orientadora.

No geral, destaca-se um processo formativo de qualidade, permeado por aprendizagens significativas. Dentro do possível e apesar dos percalços, o percurso de formação docente foi rico em trocas de saberes e construção de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Reflexões sobre a peste: ensaios em tempos de pandemia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BRASIL. **Lei da Reforma Universitária**. (Lei nº 5540/68). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5540-28-novembro-1968-359201-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 20. mar. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (LDB – Lei nº 9394/1996). Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf). Acesso em: 20. mar. 2021.

CARVALHO, I. S.; NETO, A. V. L.; SEGUNDO, F. C. F.; CARVALHO, G. R. P.; NUNES, V. M. A. Monitoria em semiologia e semiotécnica para a enfermagem: um relato de experiência. **Rev Enferm UFSM.**, v. 2, n. 2, p. 464-71, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/3212>. Acesso em: 20. mar. 2021.

COSTA, M. A. A. da; SILVA, F. M. C da. REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO ESCOLAR DOMICILIAR EM TEMPOS DE PANDEMIA NA PERIFERIA DE FORTALEZA- CE. **Revista Húmus**, v.11, n.33, p.504-518, 2021. Disponível

em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/16024/9576>. Acesso em: 31. ago. 2021.

DIAS, A. M. I. A monitoria como elemento de iniciação à docência: ideias para uma reflexão. In: SANTOS, M. M. LINS, N. M. (Orgs.). **A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007, p.37-44.

DIAS, A. M. I. Programas institucionais – como a monitoria: formação inicial e a necessidade de uma política pública de desenvolvimento profissional docente na educação superior. In: FARIAS, I. M. S de; NÓBREGA-THERRIEN, S. M; MORAES, L. C. S de. (Orgs.). **Formação e Desenvolvimento Profissional em Educação**. São Luís: EDUFMA, 2017, p.125-141.

DALTRO, M. R; FARIA, A. A de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan.-abr., 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812019000100013](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013). Acesso em: 20. mar. 2021.

DAVIS, A; KLEIN, N. **Construindo movimentos: uma conversa em tempos de pandemia**. São Paulo: Boitempo, 2020

DIAS, ÉRIKA.; PINTO, F. C. F. A educação e a covid-19. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 555-578, jul./set. 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362020000300545](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300545). Acesso em: 20. mar. 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FARIAS, I. M. S de; SILVA, S. P. **Pesquisa e Prática Pedagógica II**. 3ª ed. Fortaleza: RDS, 2009.

FERNANDES, M. C.; SILVA, L. M. S.; MACHADO, L. G.; MOREIRA, T. M. M. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, v. 28, n. 4, p.



169-194, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982012000400007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000400007). Acesso em: 20. mar. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GARCIA, J. Experiência com crianças na quarentena. In: MOREIRA, E. et al. **Em tempos de pandemia: propostas para a defesa da vida e de direitos sociais**. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Escola de Serviço Social, 2020, p.131-141. Disponível em: <http://ess.ufrj.br/images/Noticias/Divulgacao/EmTemposdePandemia/EM-TEMPOS-DE-PANDEMIA.pdf>. Acesso em: 20. mar. 2021.

GONÇALVES, Mariana Fiuza et al. A importância da monitoria acadêmica no ensino superior. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 3, n. 1, e313757, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i1.3757>. Acesso em: 20. mar. 2021.

MEDEIROS, M. R. D.; CAROLINI DE OLIVEIRA TAVORA, R.; BARRETO, R. A. R.; LIRA, J. M. D.; DE AZEVEDO SOARES, A. Papel da monitoria na formação acadêmica em tempos de covid-19: relato de experiência. *Revista Extensão & Sociedade*, v. 12, n. 1, 4 set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/20778>. Acesso em: 20. mar. 2021.

NUNES, J. B. C. Monitoria acadêmica: espaço de formação. In: SANTOS, M. M. LINS, N. M. (Orgs.). **A monitoria como espaço de iniciação à docência: possibilidades e trajetórias**. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007, p.45-57.

OLIVEIRA, A. S. F; ABREU, A. C; OLIVEIRA, A. P. S. C. Em tempos de pandemia, luz, câmera e ação para a educação online: do discurso à prática desejada. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 6, N. Especial II, p. 430-446, jun-out, 2020. Disponível em: <https://>

[www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/52231/35783](http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/52231/35783).  
Acesso em: 20. mar. 2021.

OLIVEIRA, J. B. A; GOMES. M.; BARCELLOS, T. A Covid-19 e a volta às aulas: ouvindo as evidências. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 555-578, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v28n108/1809-4465-ensaio-28-108-0555.pdf>. Acesso em: 20. mar. 2021.

PEREIRA, J. D. Monitoria: uma estratégia de aprendizagem e de iniciação à docência. In: SANTOS, M. M. LINS, N. M. (Orgs). **A monitoria como espaço de iniciação à docência**: possibilidades e trajetórias. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2007, p.69-80.

PESSÔA, J. M. Programa de monitoria como prática de formação do professor-contador: percepções e identidade. In: **Anais...** Simpósio brasileiro de política e administração da educação. Porto Alegre: ANPAE, 2007. Disponível: <https://docplayer.com.br/12447965-Programa-de-monitoria-como-pratica-de-formacao-do-professor-contador-percepcoes-e-identidade.html>. Acesso em: 20. mar. 2021.

SANTOS, B. de S. **A cruel Pedagogia do Vírus**. São Paulo: Boitempo, 2020.